

15. O ONIPOTENTE

268-278



INTRODUÇÃO

Deus é o Todo-poderoso (o Onipotente). O que significa essa afirmação? Que experiências ela evoca para os cristãos? Quais são as dificuldades que os cristãos podem enfrentar para explicar o conteúdo da sua fé no Onipotente aos homens de hoje?

TEXTO 268-278

SEGUNDA SEÇÃO: A PROFISSÃO DA FÉ CRISTÃ

CAPÍTULO I: CREIO EM DEUS PAI

Parágrafo 3: O Pai Todo-Poderoso

268. De todos os atributos divinos, só a onipotência é nomeada no Símbolo: confessá-la é de grande alcance para a nossa vida. Nós acreditamos que ela é *universal*, porque Deus, que tudo criou, tudo governa e tudo pode; *amorosa*, porque Deus é nosso Pai; *misteriosa*, porque só a fé a pode descobrir, quando «ela atua plenamente na fraqueza» (2Cor 12,9).

«FAZ TUDO QUANTO LHE APRAZ» (Sl 115,3)

269. As Sagradas Escrituras confessam, a cada passo, o poder *universal* de Deus. Ele é chamado «o Poderoso de Jacó» (Gn 49,24; Is 1,24: etc.) «o Senhor dos Exércitos», «o Forte, o Poderoso» (Sl 24,8-10). Se Deus é onipotente «no céu e na terra» (Sl 135,6), é porque foi Ele quem os fez. Portanto, nada Lhe é impossível e Ele dispõe à vontade da sua obra; Ele é o Senhor do Universo, cuja ordem foi por Ele estabelecida e Lhe permanece inteiramente submissa e disponível; Ele é o Senhor da história; governa os

corações e os acontecimentos segundo a sua vontade: «O vosso poder imenso sempre vos assiste – e quem poderá resistir à força do Vosso braço?» (Sb 11,21).

«PORQUE PODEIS TUDO, DE TODOS VOS COMPADECEIS» (Sb 11,23)



270. Deus é o *Pai* todo-poderoso. A sua paternidade e o seu poder esclarecem-se mutuamente. Com efeito, Ele mostra a sua onipotência paterna pelo modo como cuida das nossas necessidades pela adoção filial que nos concede («serei para vós um Pai e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor todo poderoso»: 2Cor 6,18); enfim, pela sua infinita misericórdia, pois mostra o seu poder no mais alto grau, perdoadando livremente os pecados.

271. A onipotência divina não é, de modo algum, arbitrária: «Em Deus, o poder e a essência, a vontade e a inteligência, a sabedoria e a justiça, são uma só e a mesma coisa, de modo que nada pode estar no poder divino que não possa estar na justa vontade de Deus ou na sua sábia inteligência».

O MISTÉRIO DA APARENTE IMPOTÊNCIA DE DEUS

272. A fé em Deus Pai todo-poderoso pode ser posta à prova pela experiência do mal e do sofrimento. Por vezes, Deus pode parecer ausente e incapaz de impedir o mal. Ora, Deus Pai revelou a sua onipotência do modo mais *misterioso*, na humilhação voluntária e na ressurreição de seu Filho, pelas quais venceu o mal. Por isso, Cristo crucificado é «força de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens» (1Cor 1,25). Foi na ressurreição e na exaltação de Cristo que o Pai «exerceu a eficácia da [sua] poderosa força» e mostrou a «incomensurável grandeza que representa o seu poder para nós, os crentes» (Ef 1,19-22).

273. Só a fé pode aderir aos caminhos misteriosos da onipotência de Deus. Esta fé gloria-se nas suas fraquezas, para atrair a si o poder de Cristo. Desta fé é modelo supremo a Virgem Maria, pois acreditou que «a Deus nada é impossível» (Lc 1,37) e pôde proclamar a grandeza do Senhor: «O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas; 'Santo' – é o seu nome» (Lc 1,49).

274. «Portanto, nada é mais próprio para firmar a nossa fé e a nossa esperança do que a convicção, profundamente arraigada nas nossas almas, de que nada é impossível a Deus. Tudo o que [o Credo] seguidamente nos propõe para crer, as coisas maiores, as mais incompreensíveis, bem como as mais sublimes e mais acima das leis ordinárias da Natureza, basta que a nossa razão tenha a ideia da onipotência divina para as admitir facilmente e sem hesitação alguma».

Resumindo:

275. *Confessamos com o justo Jó: «Eu sei que podeis tudo e que, para Vós, nenhum projeto é impossível» (Jó 42,2).*

276. *Fiel ao testemunho da Escritura, a Igreja dirige muitas vezes a sua oração ao «Deus todo-poderoso e eterno» (omnipotens sempiternus Deus), crendo firmemente que «a Deus nada é impossível» (Lc 1,37).*

277. *Deus manifesta a sua onipotência convertendo-nos dos nossos pecados e restabelecendo-nos na sua amizade pela graça («Deus qui omnipotentiam tuam parcendo maxime et miserando manifestas» –«Senhor; que dais a maior prova do vosso poder quando perdoais e Vos compadeceis»).*

278. *Se não crermos que o amor de Deus é onipotente, como poderemos crer que o Pai pôde criar-nos, o Filho remir-nos e o Espírito Santo santificar-nos?*



REVISANDO TEMAS

1. Rever os conceitos

É preciso que fique claro desde o início: não podemos confundir a onipotência divina com o arbítrio de um poder despótico e tirânico. O próprio Catecismo é muito claro nesse sentido: “Em Deus, o poder e a essência, a vontade e a inteligência, a sabedoria e a justiça, são uma só e a mesma coisa, de modo que nada pode estar no poder divino que não possa estar na justa vontade de Deus ou na sua sábia inteligência”.

Em Deus os extremos opostos (para nós, não para Ele!) não se contrapõem. O poder absoluto e o amor ilimitado, a distância infinita e a proximidade mais estreita, o domínio total e a condescendência suprema, a justiça incorruptível e a bondade extrema, o juízo rigoroso e o perdão misericordioso não só não se contradizem como se identificam e são a mesma coisa. Assim, ao professar “o Pai Todo-poderoso”, confessamos que o exercício do poder absoluto de Deus concorda com o ser mesmo de Deus que é Amor por essência.

Devemos evitar o erro de projetar em Deus o modo como os seres humanos realmente exercem o poder. É preciso reconhecer que muitos usam o poder como um serviço ao bem comum. Mas é evidente também que a nossa experiência concreta do exercício do poder só confirma o conhecido ditado: o poder absoluto corrompe absolutamente.

Para superar essa dificuldade o Catecismo afirma: “Deus Pai revelou a sua onipotência do modo mais *misterioso*, na humilhação voluntária e na ressurreição de seu Filho, pelas quais venceu o mal. Por isso, Cristo crucificado é ‘força de Deus e sabedoria de Deus’”.



Ao refletir sobre a onipotência divina devemos sempre nos lembrar que estamos diante do Mistério, ou seja, não projetamos em Deus a nossa realidade, pelo contrário, é o próprio mistério revelado em Jesus Cristo que ilumina a nossa realidade. Dizer que a onipotência de Deus se revela de modo misterioso significa dizer que esse atributo divino não pode ser compreendido adequadamente somente partindo de um conceito abstrato. É preciso partir da experiência histórica de Jesus de Nazaré: é nEle que se torna claro o que realmente é onipotência divina.

Deus manifesta a sua onipotência no presépio de Belém, na oficina de Nazaré e principalmente no patíbulo da cruz. É exatamente quando o Onipotente atinge o extremo da impotência que nós podemos entender no que consiste a soberania de Deus.

Perante a onipotência misteriosa de Deus somos obrigados a rever os nossos conceitos de poder, de soberania, de senhorio. O poder dos homens é geralmente baseada na força da violência e das armas, no medo que se impõe a partir de cima. Mas Jesus nos revela que o poder supremo é justamente aquele que pode renunciar totalmente à força e à violência (“Se o meu Reino fosse desse mundo, meus soldados lutariam para que não fosse entregue a ti”). A força de Jesus é o amor que, embora rejeitado, é ainda mais poderoso do que a força da violência. No âmbito do amor, o último é o primeiro, e o Senhor é o escravo de todos. Deus é amor e sua onipotência é a onipotência do amor.

A palavra “Pai” liga o primeiro artigo do Credo ao segundo; remetendo à cristologia, entretece de tal maneira as duas peças que aquilo que deve ser afirmado de Deus só se torna totalmente claro quando se lança um olhar também sobre o Filho. Só fica claro, por exemplo, que quer dizer “onipotência” ou “domínio total” na perspectiva cristã, quando se chega às condições do presépio e da cruz. Só aí, quando o Deus professado como o Senhor do Universo assume a impotência extrema da entrega à menor de suas criaturas, pode ser formulado, na verdade o conceito cristão do Deus que é o Senhor de tudo. Nesse momento nascem também uma nova ideia de poder e um novo conceito de senhorio e de domínio. O poder supremo revela-se no fato de ser impassível a tal ponto que é até capaz de dispensar qualquer tipo de poder, pois o seu poder não reside no uso da violência e sim, exclusivamente, na liberdade do amor que, mesmo quando é rejeitado, ainda é mais forte do que os poderes prepotentes do mundo (RATZINGER, J., Introdução ao Cristianismo, p. 112).





2. Onipotente – Pantokrator

É preciso que fique claro também. Nós usamos a palavra “onipotente” como tradução da palavra grega “*pantokrator*”. Mas essa tradução deve levar em conta um aspecto que não fica muito claro no termo latino. *Pantokrator* não é primeiramente “o que tudo pode”, mas “o que tudo mantém e rege” em seu poder transcendente; por isso, não indica uma propriedade abstrata, mas o exercício efetivo do poder criador.

Para você aprofundar e refletir:

O estudo do título *pantokrátor* (Cf. A. DE HALLEUX, «Dieu le Père tout-puissant», 401-422.) revelou que originalmente o termo grego tinha dois sentidos: um bíblico e outro helenístico-cristão. O sentido bíblico se ligava ao termo hebreu *shebaôt*, fortemente marcado pelo sentido sacro e nacionalista dos títulos “Senhor dos exércitos” e “Senhor do universo”; assim os primeiros autores cristãos orientavam a interpretação do termo para as idéias de poder, de autoridade e de domínio. Mais comum, porém, era a associação do título à criação e à conservação do universo. De fato, nos textos antigos nenhum indício formal leva a distinguir a onipotência divina de sua atividade criadora, mesmo que esses dois atributos não se reduzam a simples sinônimos. Pela sua derivação do verbo *krateîn*, a palavra *pantokrátor* indicava normalmente uma relação permanente de Deus com o universo e não somente o ato inaugural de sua fundação. Além disso, *pantokrátor* era entendido não no sentido de “reger tudo”, mas de “tudo deter”, de “tudo ter nas mãos”, indicando não o “Soberano”, o “Dominador” do Universo que o criou (*ho tôn pantôn kratôn*), mas o “Providente” que o envolve com sua solicitude e o “Salvador” que o mantém na existência (*ho ta panta kratôn*). Essa acepção helenística foi adotada pelos autores do símbolo, depois que o título de Pai passou a excluir toda idéia de criação (Pai do mundo) para se restringir ao sentido trinitário de Pai (que gera o Filho). Quando o termo grego passa para a área latina, sofre uma ulterior transformação: em grego o verbo *krateîn* indica um poder efetivo, uma soberania e um domínio efetivamente exercido, mas em latim *potens* denota “possibilidade”, uma capacidade e uma virtualidade não realizada de fato.